



“Viver no Semiárido é Aprender a Conviver”: Educação e Comunicação em Defesa das Potencialidades do Semiárido Brasileiro¹

Luis Osete Ribeiro CARVALHO²

Tito Eugênio Santos SOUZA³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este artigo discute os fundamentos e práticas da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (Ecsab) e as estratégias de comunicação adotadas pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa), Organização Não Governamental (ONG) sediada em Juazeiro-BA e criada há 25 anos por meio da articulação de diversas entidades do Nordeste do país. Para tanto, são analisadas as estratégias utilizadas pela ONG em dois dos seus cinco eixos de atuação: Educação e Comunicação. Dessa forma, a perspectiva é sinalizar a transição entre um modo de pensar, dizer e visualizar o semiárido instituído pela lógica de combate à seca para um modo instituinte que prioriza a convivência, encontrando inspiração na iniciativa de entidades construtoras de processos educativos e comunicacionais na trama ecossistêmica da caatinga e em convergência com outras ações planetárias.

PALAVRAS-CHAVE: Irpaa; Convivência; Semiárido; Educação; Comunicação.

INTRODUÇÃO

Fundado no dia 17 de abril de 1990, o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa) é uma Organização Não Governamental (ONG) com sede no município de Juazeiro, estado da Bahia. Seu foco de atuação é a convivência com o semiárido, por meio da busca de soluções eficazes que atendam às necessidades do povo sertanejo e possibilitem o desenvolvimento sustentável da região.

Dessa forma, todas as atividades da ONG priorizam essa proposta, pensada e reavaliada constante e coletivamente junto às comunidades visitadas ao longo de 25 anos de existência. Com o lema “Viver no semiárido é aprender a conviver”, o Irpaa ao mesmo tempo chama a atenção para as possibilidades deste espaço e reafirma o seu

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pelo Programa de Pós-graduação (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Jornalista do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IF Sertão-PE). E-mail: luisosete@gmail.com

³ Mestrando em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Jornalista do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IF Sertão-PE). E-mail: tito_souza@live.com



discurso de superação das dificuldades por meio da busca de alternativas de convivência.

Para a concretização desses objetivos, a entidade conta tanto com o financiamento do poder público (através de editais e chamadas públicas, em diferentes instâncias de governo) como de organizações internacionais (a exemplo da alemã *Misereor*), além de doações de particulares. Afora isso, possui parcerias com outras entidades do terceiro setor e participa de diversas redes e fóruns de articulação, em sua maioria de abrangência regional ou nacional.

As ações do Irpaa são realizadas a partir de projetos desenvolvidos pelos seus cinco eixos principais de atuação, os quais trabalham de maneira autônoma e interligada e envolvem os seguintes temas: Terra, Água, Produção, Educação e Comunicação. Esses eixos centrais, por sua vez, são perpassados por alguns eixos transversais que dialogam entre si, como Políticas Públicas, Meio Ambiente, Gênero e Juventude.

Em que pese a importância dos seus diversos campos de atuação, o objetivo deste trabalho é abordar as principais ações do Irpaa relacionadas aos eixos Educação e Comunicação. Para isso, pretende-se identificar e analisar parte das estratégias utilizadas pela ONG nesses dois eixos, que incluem tanto a elaboração e distribuição de materiais de uso didático (cartilhas) como de peças de comunicação, fundamentais para a divulgação e consolidação da sua bandeira de luta.

O SURGIMENTO DO IRPAA E A PROPOSTA DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO: DOS FUNDAMENTOS À PRÁTICA TRANSFORMADORA

Os territórios semiáridos brasileiros são múltiplos e heterogêneos. De acordo com a nova delimitação apresentada pelo Ministério da Integração Nacional, compreendem 1.133 municípios de nove estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Juntos, esses territórios ocupam uma área de aproximadamente um milhão de quilômetros quadrados, onde vivem mais de 20 milhões de pessoas (BRASIL, 2006).

No entanto, a diversidade de paisagens físicas e culturais advindas dessa ocupação territorial foi historicamente silenciada por uma apropriação político-ideológica de um fenômeno climático cíclico – a seca –, apontado por Albuquerque Jr. (1999) como a metáfora criada pela classe dominante local para explicar a miséria, a desigualdade e o declínio regional.



Consagrados pela educação formal, por meio de livros didáticos que, como observa Reis (2010, p. 112), circulam uma “caricatura” da região, os discursos instituídos sobre os territórios semiáridos apagam quase completamente aquilo que Carvalho (2012, p. 93) sinaliza como “a maneira de ser interativa e de convivência com os regimes de signos, códigos e alternâncias dos geoambientes da caatinga”, elaborados entre o sertanejo e sua “mundaneidade” semiárida. Segundo esta autora, é na trama ecossistêmica da caatinga, marcada pelas irregularidades das chuvas, que o sertanejo constrói seu imaginário, suas crenças, suas relações práticas, materiais e simbólico-culturais com o território, sendo “repleta de significados vividos entre homem, natureza e cultura” (CARVALHO, 2012, p. 96).

Com base nessas concepções, que demarcam o conceito de “convivência com o semiárido”, algumas Organizações Não Governamentais (ONGs) e setores da Igreja Católica iniciaram, na esteira da história de luta e resistência do povo sertanejo, a elaboração de experiências e ações “voltadas para gerar alternativas produtivas com culturas mais resistentes às estiagens, adaptações tecnológicas para a criação, fortalecimento das comunidades e organizações de agricultores familiares” (CARVALHO, 2012, p. 119).

No Território de Juazeiro⁴, uma das organizações pioneiras no desenvolvimento de tecnologias com essa finalidade é o Irpaa, ONG criada mediante a articulação de distintas esferas de ação: as bases da igreja, as Comissões de Educação de Base (CEB), Pastorais da Terra (CPT) e da Juventude do Meio Popular (CPJMP), os movimentos populares, sindicatos, associações de trabalhadores rurais e as Escolas Família Agrícola⁵.

Desde a sua origem, o objetivo do Instituto é prestar serviço de assessoria de caráter técnico-pedagógico aos agricultores. Para tanto, realiza treinamentos de trabalhadores, lideranças e agentes de base e com ONGs parceiras, na orientação de entidades com os conceitos e tecnologias apropriados às condições ambientais do semiárido. Além disso, elabora seus projetos com base nas opções mais apropriadas de convivência com as particularidades de cada comunidade: criação de animais resistentes à seca, construção de tecnologias de captação e armazenamento de água das chuvas

⁴ O Território de Juazeiro é composto por dez municípios: Campo Alegre de Lourdes, Casa Nova, Curaçá, Juazeiro, Pilão Arcado, Sento-Sé, Sobradinho, Remanso, Uauá e Canudos. Este último foi considerado em relação ao Território da Diocese de Juazeiro.

⁵ As Escolas Família Agrícola (EFAs) chegaram ao Brasil na década de 1960, com o objetivo de proporcionar uma maior integração da juventude rural com o sistema produtivo e a manutenção das relações familiares. Para tanto, utilizam a Pedagogia da Alternância, intercalando um período de convivência na sala de aula com outro no campo.



(como cisternas, barragens subterrâneas, barreiros e aproveitamento de águas de caminhos) e outras práticas de reapropriação da natureza semiárida.

Com essa perspectiva de atuação, procura romper as “dizibilidades e vizibilidades” instituídas, partindo do pressuposto de que o semiárido é um ecossistema rico, diversificado e, portanto, possível de possibilitar vida digna aos seus habitantes, desde que estes aprendam a conviver com as suas potencialidades e limitações. Ao construir experiências, imagens e dizeres positivos aos atributos físicos e simbólico-culturais desses espaços, o Irpaa fortalece o sentimento de pertencimento dos sujeitos beneficiados por seus projetos, permitindo que estes, historicamente “excluídos da narrativa hegemônica, recuperem sua palavra e tornem pertinentes suas questões” (MARTINS, 2004, p. 34).

Para concretizar esse intento, Martins (2004, p. 40) considera que a educação precisa ser “espaço de tematizações pertinentes sobre o ecossistema semiárido, suas diversidades e sobre as possibilidades de um desenvolvimento sustentável”. Segundo ele, é necessário agregar e tecer redes de saberes que se vinculem às condições particulares do território, sem, no entanto, se encerrar nelas e produzir os conteúdos com os sujeitos envolvidos nas situações concretas de ensino-aprendizagem.

Partindo dessa perspectiva, um dos eixos fundamentais de atuação do Irpaa é a Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (Ecsab), resultante do “cruzamento cultura-escola-sociedade-mundo” e resultado de uma prática “insurgente, que compreende o contexto implicado em uma teia de referências, fluxos, conexões e sentidos que extrapolam o recorte espacial de um território local” (REIS, 2010, p. 123).

Entretanto, sem minimizar a importância da Educação como prática transformadora, tal concepção não pode ser dissociada dos demais eixos de atuação da entidade, que os articula de maneira integrada: Terra, Água, Produção e Comunicação. Aliados à Educação, esses quatro eixos delimitam os raios de atuação do Irpaa, sendo cada um deles composto por uma equipe autônoma e multidisciplinar. Essa autonomia, porém, possui um sentido mais operacional do que estratégico, uma vez que os diferentes eixos citados atuam em permanente diálogo entre si para a concretização dos objetivos maiores da instituição.

Neste sentido, para efeito de análise, serão considerados aqui apenas dois eixos de atuação do Irpaa – Educação e Comunicação –, cujos discursos e práticas norteadores serão discutidos adiante. Para isso, foram utilizados como referências tanto os materiais



didáticos elaborados pela organização (cartilhas e livros) como algumas peças de divulgação institucional (relatórios anuais de atividades, páginas na internet etc), procurando dialogá-los, sempre que possível, com os depoimentos dos profissionais envolvidos em cada processo.

EDUCAÇÃO: DO CONTEXTO À AÇÃO

Quando o tema é educação, o grande desafio enfrentado pelo Irpaa reflete-se na dialética do instituído/instituente, que pode ser sintetizada por meio da questão: como contrapor a institucionalização dos espaços educativos, que se fixam em instituídos percebidos como formas naturais, universais, a-históricas e eternas, e instaurar a problematização constante do cotidiano educacional, por meio de formas instituintes que permitam a criação e recriação do mundo a partir do ambiente escolar?

A resposta a essa problemática fundante e a radicalidade da proposta educacional da instituição podem ser encontradas em suas cartilhas. Para exemplificar, serão destacadas e analisadas as publicações *A roça na caatinga* (2001), *Educação com o pé no chão do sertão: a convivência com o semiárido no município de Curaçá-Bahia* (2001) e *No semiárido, viver é aprender a conviver: conhecendo o semiárido em busca da convivência* (2007)⁶.

Em *A roça na caatinga*, o Irpaa apresenta ao leitor informações sobre o processo de elaboração da própria cartilha, quando afirma que ela surgiu a partir de uma demanda identificada nos cursos de lavradores(as): “As pessoas, ao retornarem às suas comunidades, queriam passar os assuntos aos companheiros e as companheiras e sentiam falta do material visual” (IRPAA, 2001, p. 2). Com o crescimento do número de cursos oferecidos pela instituição, que existem desde a fundação da entidade e hoje são denominados em seu conjunto como “Escola de Formação para a Convivência com o Semiárido”, foram procuradas alternativas que contemplassem a necessidade de um produto com a força visual dos cartazes coloridos utilizados para abordar cada assunto discutido. Assim, a partir dos encontros, das visitas às comunidades e do interesse em repassar os assuntos discutidos às demais pessoas, foi elaborada a cartilha.

A cartilha se divide em três partes: origem e vida do solo; costumes de fazer roça que prejudicam a terra; e uma reflexão sobre como ocorre a comercialização e de que

⁶ Vale ressaltar que a elaboração dessas cartilhas é resultado de um esforço coletivo e criativo envolvendo os diversos eixos do Irpaa, não se limitando apenas ao eixo Educação.



forma potencializá-la a favor de quem produz. A cada assunto debatido, observam-se uma ilustração colorida e três perguntas, que se repetem em outras cartilhas elaboradas pelo Irpaa: “o que a gente vê?; o que isso significa?; e o que aprendemos com isso?”.

Dessa forma, permite-se ao leitor acompanhar a descrição dos fenômenos, seus significados materiais e simbólico-culturais e os aprendizados provenientes para o cotidiano das pessoas. Isso se alia à perspectiva adotada por Silva (2010, p. 3), para quem “a educação contextualizada deve formar construtores – e não seguidores – de caminhos, a partir da pedagogia da pergunta, guiada pelo paradigma das potencialidades e inspirada na filosofia da semiaridez como vantagem”.

No final da cartilha, como marca da vinculação histórica do Irpaa com a Igreja Católica, são apresentados trechos bíblicos que reforçam a relação entre a terra e o ser humano, uma vez que, segundo a publicação (IRPAA, 2001, p.60), “as leis de Deus valem para o ser humano e para a natureza”. Essa interlocução sagrada também aparece em outras cartilhas, como *A busca da água no sertão* (2011), *Agricultura familiar orgânica com irrigação no sertão* (2003) e *Criação de Cabras* (2001).

Na cartilha *Educação com o pé no chão do sertão: a Convivência com o Semiárido no município de Curaçá-Bahia* é relatada a experiência do “Ensino com pé na realidade”, iniciada nas escolas municipais de Curaçá em 1997. Essa iniciativa teve como objetivo contemplar, no currículo, o contexto no qual estudantes, pais, mães, escola e comunidade estão inseridos. Conforme ressalta o documento (IRPAA, 2001, p. 7), “permear com esta realidade todo ensino significa, sobretudo, conhecê-la, compreendê-la, servindo como ponto de partida para conhecer o mundo”.

Esse aspecto coaduna-se com a defesa empreendida por Martins (2004, p. 29), quando afirma que “a educação não pode se dar ao luxo de ignorar o chão que pisa”. Compreendendo a necessidade de imprimir nos “livros didáticos o real conhecimento sobre a região semiárida” (IRPAA, 2001, p. 7), a cartilha soma-se à rede que, segundo Martins (2004, p. 34), concentra “o esforço em soerguer as questões locais e outras tantas questões silenciadas na narrativa oficial”.

A referência central da obra pode ser sintetizada na frase que abre o capítulo *Pesquisando a escola e seu entorno*: “Para entender nosso município, o Estado da Bahia, o Brasil e o mundo, precisamos conhecer bem a terra em que nascemos e onde estamos estudando agora”. Para tanto, a cartilha sugere que “um grande mutirão de todos os alunos” construa um mapa da escola, comunidade e lugares onde moram os estudantes (IRPAA, 2001, p. 8).



A última cartilha a ser analisada sinaliza e aprofunda os desafios educativos do semiárido, além de trazer, no título, um dos lemas construídos pelo Irpaa ao longo dos seus 25 anos de existência: *No Semiárido, Viver é Aprender a Conviver: Conhecendo o Semiárido em Busca da Convivência*. No capítulo *Educação e Desenvolvimento*, são apresentados os indicadores da realidade educacional do semiárido, reforçadores do processo de exclusão que aflige boa parte dos sertanejos: “conteúdos fora da realidade das crianças, materiais didáticos e paradidáticos não apropriados ao semiárido, precarização dos prédios escolares e dos transportes, a escassez e a má qualidade da merenda, formação e condições de trabalho dos educadores” (IRPAA, 2007, p. 28).

Em consequência desses aspectos, chamam a atenção os “altos índices de repetência e evasão escolar, provocados, principalmente, pela carência alimentar e pelo calendário escolar incompatível com as atividades agropecuárias” (IRPAA, 2007, p. 28). Ao perceberem que o pouco que aprendem na escola não lhes traz utilidade para a vida no semiárido, a cartilha revela que muitos estudantes desistem de continuar os estudos.

A publicação apresenta ainda dados alarmantes sobre a quantidade de pessoas sem acesso à educação escolar, afirmando que “mais de 350 mil crianças, entre 10 e 14 anos, não frequentam a escola e mais de 390 mil adolescentes (10,15%) são analfabetos” (IRPAA, 2007, p. 29). Somam-se a isso a desarticulação dos currículos – aqui compreendidos como um conjunto articulado e normatizado de saberes – a respeito da região semiárida e a propagação de uma ideia enganosa a respeito da região, frequentemente reproduzida por materiais didáticos elaborados em outras regiões do Brasil. Entretanto, como afirmam Santana e Moreira (2012, p. 4), é necessário situar o currículo “na arena em que estão em luta visões de mundo e onde se produzem, elegem e transmitem representações, narrativas, significados sobre as coisas e seres do mundo”.

Diante disso, outra iniciativa importante realizada pelo Irpaa foi a elaboração de um livro didático contextualizado, através de uma parceria com a Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (Resab). Intitulado *Conhecendo o Semiárido*⁷ (volumes 1 e 2), o livro é resultado das experiências vivenciadas, ao longo de um ano de viagem pela região, por uma das integrantes do eixo Educação do Irpaa, a pedagoga Edineusa Ferreira, e duas professoras universitárias, Vanderlea Andrade, da Universidade Federal

⁷ A experiência está registrada em um dos capítulos do livro *Educação para a convivência com o semiárido: reflexões teórico-práticas*, publicado em 2004. Em 2014, o livro foi trabalhado em 59 escolas do município de Juazeiro e em oito de Curaçá.



do Vale do São Francisco (Univasf), e Claudia Maisa Antunes, da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). O itinerário foi realizado com o intuito de conhecer o trabalho de outras instituições semelhantes e os anseios dos estudantes e professores da região.

Para a equipe do eixo Educação, o desafio ainda é transformar iniciativas como essa em políticas públicas assumidas pelas secretarias de educação dos municípios e estados ou pelo próprio Ministério da Educação (MEC). Como observa Edineusa Ferreira, o princípio da Ecsab é “trabalhar a partir do chão que pisa, agregando valores, incluindo os diferentes. Onde quer que o sujeito esteja, ele precisa de uma educação contextualizada, que faça sentido para a vida dele”⁸.

Essa interlocução e inter-relação entre os saberes apreendidos na escola, e o uso destes na vida cotidiana das pessoas, é chamada de transposição didática: “transformação ou conversão dos conteúdos a serem ensinados para melhor assimilação/compreensão pelos(as) estudantes” (SILVA, 2011, p. 26). Tal prática, segundo Edineusa, baseia-se na problematização, pesquisa e investigação dos saberes locais para promover o diálogo entre os conhecimentos científico e popular ou, em uma palavra, na “interdisciplinaridade”.

O posicionamento dos demais profissionais do Irpaa, em sintonia com a proposta educativa defendida pela entidade, certamente tem contribuído para levar essas discussões às comunidades. Na análise de Barros e Conceição (2011), a adoção de comportamentos “sensíveis” é essencial para se concretizarem as mudanças educacionais propostas pela instituição, na medida em que se assume o trabalho com sujeitos cujos direitos básicos foram negados historicamente.

COMUNICAÇÃO: DO ATO DE TORNAR COMUM

Igualmente importantes para a consolidação da sua proposta de “convivência com o semiárido”, são as ações desenvolvidas pelo Irpaa através do eixo Comunicação, que atua em articulação direta com todos os demais eixos e, sobretudo, Educação. Como bem observa Kaplún (1999), esta implica um processo de múltiplos fluxos comunicativos, de modo que o sistema será tanto mais educativo quanto mais complexa for a trama de interações comunicacionais posta à disposição dos educandos. Concebida a partir dessa matriz pedagógica, uma comunicação educativa teria como uma de suas

⁸ Entrevista concedida em dezembro de 2014.



funções essenciais a provisão de estratégias, meios e métodos destinados ao desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos educandos, a qual “supõe a geração de vias horizontais de interlocução” (KAPLÚN, 1999, p. 74).

Em consonância com essa ideia, o Irpaa ressalta que “sempre valorizou a Comunicação” ao longo dos seus 25 anos de atividades, como pode ser observado na página da instituição disponível na internet. Inicialmente considerado um eixo transversal, somente nos últimos cinco anos, no entanto, a Comunicação veio a se tornar de fato o quinto eixo de atuação da entidade, em consequência da ampliação da sua equipe de comunicadores e demais profissionais diretamente ligados a essa tarefa.

Partindo do princípio de que a comunicação é um direito humano e, como tal, possibilita a mediação simbólica entre os sujeitos em seus diversos contextos sociais e culturais, as ações desse eixo são executadas com o objetivo de divulgar a proposta da instituição de “convivência com o semiárido”. Para isso, suas atividades estão subdivididas nas seguintes linhas de atuação: comunicação institucional, comunicação interna e comunicação externa, sendo considerada a “comunicação para mobilização social” como uma linha transversal às três primeiras.

Em relação à comunicação institucional, diversos são os canais e mecanismos utilizados pela entidade como forma de divulgar as suas atividades e, assim, consolidar a sua missão. Entre eles, destacam-se o *site* (www.irpaa.org); o programa de rádio “Viva bem no Sertão”; e as redes sociais na internet, a exemplo da página da organização no *Facebook* (www.facebook.com/semiarido.irpaa) e do canal no *Youtube* (TV Irpaa). A esses canais, alia-se a produção do boletim “Luz do semiárido” em versão eletrônica e impressa, de circulação quinzenal e semestral, respectivamente, e a exposição de materiais de divulgação produzidos pelo Irpaa em eventos da região, tais como cartazes, fôlderes, cartilhas e outras publicações.

De acordo com a equipe do eixo Comunicação, as notícias relacionadas às ações do Irpaa são postadas regularmente no *site* e também divulgadas nas redes sociais da organização, o que tem contribuído para um alcance cada vez maior de internautas. A mesma equipe é responsável pela produção do já citado programa radiofônico “Viva bem no Sertão”, que é gravado semanalmente na sede do Irpaa e veiculado todos os sábados, às 7h, na Emissora Rural de Petrolina-PE, em horário pago pela instituição mensalmente. À parte disso, uma parceria com as rádios comunitárias da região tem possibilitado que o programa seja retransmitido, gratuitamente, para os municípios baianos de Canudos, Curaçá, Pilão Arcado, Remanso, Riachão do Jacuípe, Uauá e



também para a comunidade de Campos, em Juazeiro.

No que se refere à comunicação externa, destacam-se tanto o trabalho de assessoria de imprensa, que envolve desde o relacionamento com os meios de comunicação em geral e a cobertura de eventos promovidos pela instituição e entidades parceiras, entre outras atividades, como a realização de projetos que incluem metas específicas para o eixo Comunicação, a exemplo do “Recaatingamento” e do programa “Uma Terra e Duas Águas” (P1+2). No âmbito deste programa, por exemplo, o relatório de atividades de 2013 menciona a confecção de boletins informativos e *banners* “que registram experiências de produtores/as de comunidades acompanhadas pelo Irpaa” (IRPAA, 2013, p. 39).

Quanto à comunicação interna, uma das estratégias utilizadas é a elaboração e circulação de um boletim eletrônico interno, enviado para todos os integrantes do Irpaa através do *e-mail* institucional. Nessa forma de comunicação, o tom predominante da linguagem é informal, uma vez que o seu objetivo é trazer informes gerais sobre as atividades da instituição de forma “leve e descontraída”, como define a equipe do eixo.

Paralelamente a essas atividades, existe ainda a prática da “comunicação para mobilização social”, desenvolvida de modo transversal às demais estratégias de comunicação utilizadas pela entidade. Como a própria designação sugere, essa linha de atuação volta-se sobretudo para o diálogo com a sociedade local e suas demandas, buscando-se articulações com diversos movimentos sociais da região e seus sujeitos.

Como ressalta Peruzzo (2008), ao longo do tempo as classes populares foram criando seus próprios canais de expressão e, conseqüentemente, participando do debate sobre os problemas nacionais (e também locais) e da reelaboração de ideologias, representações e formas de ver o mundo. Nesse contexto, surgiram experiências de uma comunicação que a autora denomina “popular ou comunitária”, a qual se caracteriza pela participação direta dos indivíduos.

Está aí o âmago da questão da educação para a cidadania nos movimentos sociais: na inserção das pessoas num processo de comunicação, onde elas podem tornar-se sujeitos do seu processo de conhecimento, onde elas podem educar-se através de seu engajamento em atividades concretas no seio de novas relações de sociabilidade que tal ambiente permite que sejam construídas (PERUZZO, 2008, p. 120).

Desse modo, ao buscar a interlocução com os movimentos sociais populares através da comunicação, a entidade mostra-se também a serviço da educação para a



cidadania, conforme descrita por Peruzzo (2008). Nesta perspectiva, a comunicação é aqui percebida como um processo ativo de intervenção simbólica e social, como sugere o próprio sentido etimológico da palavra, cuja origem remete ao latim *communicare* e significa “ato de repartir, distribuir” ou, literalmente, “tornar comum”. Não por acaso, a democratização do acesso aos meios de comunicação é também uma das principais preocupações do eixo, que frequentemente participa de fóruns e mobilizações com essa finalidade.

Assim, além do envolvimento em ações dessa natureza, o Irpaa tem oferecido com certa regularidade cursos de capacitação para as comunidades onde atua. Por meio da sua “Escola de Formação”, que articula saberes e práticas dos cinco eixos e, de modo especial, Educação e Comunicação, são realizadas diversas iniciativas com o objetivo de consolidar a sua missão institucional e, ao mesmo tempo, possibilitar a criação e o fortalecimento de uma rede de comunicadores populares comprometidos com essa bandeira.

Neste sentido, parcerias com outras instituições têm possibilitado ampliar ainda mais essa rede de potenciais difusores das potencialidades do semiárido. Anualmente, o Irpaa tem promovido o encontro de capacitação “Comunicação para a Promoção das Viabilidades do Semiárido”, tendo como público-alvo os estudantes do curso de Comunicação Social da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), oferecido pelo Departamento de Ciências Humanas do Campus III da universidade, também localizado em Juazeiro.

Com isso, objetiva-se ir além dos muros da instituição para estabelecer novos saberes e conexões, que não se limitam apenas aos espaços tradicionalmente instituídos para essa finalidade, como a escola convencional. A respeito disso, Martín-Barbero (2000) argumenta que é necessário buscar o rompimento com concepções pedagógicas verticalizantes, sendo o papel da comunicação fundamental nessa empreitada.

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 55).

Portanto, as diretrizes norteadoras do eixo Comunicação, aliadas às demais práticas da ONG, buscam estabelecer um contraponto aos discursos já instituídos acerca do semiárido e desconstruí-los, sobretudo aqueles frequentemente propagados pela mídia



hegemônica. Ao circular imagens e dizeres positivos referentes aos atributos físicos e simbólico-culturais dos territórios semiáridos, fortalece-se o sentimento de pertencimento dos sujeitos, permitindo que estes, “excluídos da narrativa hegemônica, recuperem sua palavra e tornem pertinentes suas questões” (MARTINS, 2004, p. 34).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que tanto a Educação como a Comunicação, enquanto eixos de atuação do Irpaa, fundamentam-se em referenciais teóricos e práticos que expressam uma perspectiva “insurgente”, uma vez que compreendem o contexto implicado como uma teia de fluxos, conexões e sentidos que extrapolam o recorte espacial de um território local.

Ao trabalhar com a perspectiva da convivência, o Irpaa tem procurado operar o reconhecimento de saberes, significados, modos de organização social e produção econômica apropriados ao semiárido. Para isso, além do contato permanente com as comunidades, a entidade busca o intercâmbio com experiências já desenvolvidas em outros países, tendo o contexto como referência, a interação como estratégia e a ética como o compromisso para a construção de comunidades e sociedades mais felizes e com modos de vida sustentáveis (SILVA, 2010).

Assim, os fundamentos e práticas adotados pela entidade contribuem de modo significativo para a construção de sentidos de pertencimento dos sujeitos aos territórios semiáridos e no próprio processo de formação dos profissionais que assumem o compromisso de atuar em um dos seus cinco eixos centrais: Terra, Água, Produção, Educação e Comunicação.

Essas concepções estão presentes nas dizibilidades e vizibilidades construídas cotidianamente pelo Irpaa, que se propõe a articular cada um desses eixos de maneira coesa e integrada, estabelecendo, dessa forma, o diálogo entre o local e o global, o particular e o universal. Ao apostar na ideia de que “um novo mundo é possível”, como vem sinalizando o Fórum Social Mundial há mais de uma década, sua proposta filia-se diretamente à noção de uma vida coletiva solidária, tal como descreve Santos (2000). Essa tarefa é de 20 milhões de sertanejos, 200 milhões de brasileiros e sete bilhões de seres humanos.



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

BARROS, Edonilce da Rocha; CONCEIÇÃO, Edmar. A partilha do sensível na formação docente sob uma perspectiva estética. In: CARVALHO, Luzineide; REIS, Edmerson. (Org.). **Educação Contextualizada: fundamentos e práticas**. Juazeiro, 2011.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Nova delimitação do semiárido brasileiro**. Brasília, DF, 2006. 35 p.

CARVALHO, Luzineide; REIS, Edmerson. (Org.). **Educação Contextualizada: fundamentos e práticas**. Juazeiro, 2011.

CARVALHO, Luzineide. **Natureza, território e convivência: novas territorialidades no semiárido brasileiro**. Jundiá: Paco Editorial, 2012.

INSTITUTO REGIONAL DA PEQUENA AGROPECUÁRIA APROPRIADA. **A busca da água no sertão: cadernos de formação**. Juazeiro, 2011.

_____. **Agricultura familiar orgânica com irrigação no sertão**. Juazeiro, 2003.

_____. **A roça na caatinga: cadernos de formação**. Juazeiro, 1996.

_____. **Cabras e ovelhas: criação do sertão: cadernos de formação**. Juazeiro, 1996.

_____. **Educação com o pé no chão do sertão: a convivência com o semiárido no município de Curaçá-Bahia**. Juazeiro, 2001. 47 p.

_____. **Fortalecendo as ações da proposta de convivência com o semiárido: relatório anual 2013**. Juazeiro, 2013.

_____. **No semiárido, viver é aprender a conviver: conhecendo o semiárido em busca da convivência**. Juazeiro, 2007. 48 p.

KAPLÚN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 14, p. 68-75, jan./abr. 1999.



LINS, Cláudia Máisa Antunes; SOUZA, Edineusa Ferreira; PEREIRA, Vanderléia Andrade. Educação para Convivência com o Semi-Árido: a proposta de elaboração de um livro didático. In: **Educação para a convivência com o semi-árido**: reflexões teórico-práticas. Juazeiro: Secretaria Executiva da Resab, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 18, p. 51-61, maio/ago. 2000.

MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do conceito de Educação para a Convivência com o Semi-Árido. In: **Educação para a convivência com o semi-árido**: reflexões teórico-práticas. Juazeiro: Secretaria Executiva da Resab, 2004.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. In: ROLIM, Renata. (Org.). **Rádio, movimentos sociais e direito à comunicação**. Recife: Oito de Março, 2008.

REIS, Edmerson dos Santos. Educação para a convivência com o semiárido: desafios e possibilidades. In: SILVA, Conceição de Maria de Sousa e. et al. (Org.). **Semiárido piauiense: educação e contexto**. Campina Grande: INSA, 2010.

SANTANA, José Valdir Jesus de; SANTANA, Marise de; MOREIRA; Marcos Alves. Currículo, diversidade étnico-racial e interculturalidade: algumas proposições. **Educação, gestão e sociedade**, Jandira, SP, ano 2, n. 6, jun. 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Adelaide Pereira. Educação contextualizada, transposição didática e complexidade: um começo de conversa. In: CARVALHO, Luzineide; REIS, Edmerson. (Org.). **Educação Contextualizada**: fundamentos e práticas. Juazeiro, 2011.

SILVA, José de Souza. Aridez mental, problema maior: contextualizar a educação para construir o ‘dia depois do desenvolvimento’ no Semiárido Brasileiro. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA CONVIVÊNCIA COM O SEMI-ÁRIDO, 2010. **Anais...** Campina Grande: Embrapa, INSA, 2010. Disponível em: <<http://www.insa.gov.br/~webdir/snecsab/ppt/ppt06.pdf>>. Acesso: 15 de. 2014.

Página da internet

INSTITUTO REGIONAL DA PEQUENA AGROPECUÁRIA APROPRIADA. Disponível em: <www.irpaa.org>. Acesso em: 2 mai. 2015.